

Revista Letras,
Curitiba, n. 94
jun./dez. 2016.
ISSN 2236-0999

Joaquim Nabuco & Gilberto Freyre: Memorialistas que se encaixam e se continuam

*Joaquim Nabuco & Gilberto Freyre: Autobiographers
who match and follow one another...*

Antonio Dimas *

RESUMO:

Lidas lado a lado, as memórias de Joaquim Nabuco (1849-1910) e de Gilberto Freyre (1900-1987) esclarecem as motivações intelectuais que os levaram a tomar a defesa da cultura negra no Brasil, sobretudo quando se atenta para a insistência de ambos a respeito do pano de fundo religioso do Brasil católico e o dos Estados Unidos reformados.

127

Palavras-chave: *Joaquim Nabuco; Gilberto Freyre; Autobiografias; Estados Unidos da América.*

ABSTRACT:

Side by side, Joaquim Nabuco's (1849-1910) as well as Gilberto Freyre's (1900-1987) auto-biographies can fully explain their fight for Brazilian black culture, especially when considered their insistence on both Brazilian catholic background as well as US protestant background.

Keywords: *Joaquim Nabuco; Gilberto Freyre; Auto-biographies; United States of America.*

* USP/IEB

Em termos de ascendências intelectuais ou de escolhas pessoais e afetivas, que culminam em forte parceria carregada de estímulo recíproco, há todo um território a ser vasculhado na vida intelectual brasileira. Exemplos remotos ou recentes dessas interações – bem ou mal sucedidas, não importa – carregam água para o moinho da sociabilidade intelectual, sobretudo em país como o nosso, onde o risco da audácia individual acaba por sobrepor-se ao esforço coletivo, eclipsando-o.

Neste quesito das parcerias, simultâneas ou consecutivas, um outro dado a ser avaliado é o das afinidades intelectuais, nem sempre visíveis. Algumas poucas resultaram em produção conjunta; outras, a maioria, limitaram-se à irrigação recíproca. Ocorrem-me, nos dois casos, alguns exemplos, no campo da Literatura e da História, mas sem rigor de levantamento: Joaquim Nabuco/Machado de Assis; Joaquim Nabuco/Oliveira Lima; Manuel Bandeira/Gilberto Freyre; Gilberto Freyre/José Lins do Rego; Manuel Bandeira/Mário de Andrade; Mário de Andrade/Carlos Drummond de Andrade; Jackson de Figueiredo/Alceu de Amoroso Lima; Aurélio Buarque de Holanda/Paulo Rónai; Sérgio Buarque de Holanda/Antonio Candido; Haroldo de Campos/Augusto de Campos/Décio Pignatari e tantos outros.

Cabe, portanto, à sociologia da vida artística e intelectual esta tarefa, eventualmente prenhe de surpresas.

Em certos momentos, essa filiação é ostensiva e até mesmo proclamada, como a reivindicar para si mesma uma ascendência nobre e *de souche*.

Penso aqui no caso concreto de Joaquim Nabuco (1849–1910) e de Gilberto Freyre (1900–1987), cujos diários e memórias são portas (premeditadamente) entreabertas, que nos levam a elaborar um roteiro mental de preocupação comum, matizado pelo tempo, pela formação, pelo contexto e pela individualidade de cada um. E que, no entanto, afinam-se num desejo único: o do reconhecimento cosmopolita, aquele que ultrapassa as fronteiras nacionais, tidas, no fundo, como acanhadas.

Vistos à distância, entretanto, não se pode minimizar o papel que tiveram ambos, cada um a seu modo e no seu contexto, na valorização do homem negro brasileiro. Nabuco, batalhando pela sua libertação, mas espremido nos compromissos da classe social a que pertencia; Gilberto, tentando desvencilhar-se deles, nem sempre com sucesso.

Em torno do material memorialístico que ambos deixaram, algumas considerações iniciais podem ser delineadas, ancoradas em dois pontos como referência inicial: 1) no plano da forma, como esse material foi moldado; 2) no plano do conteúdo, como reagiram esses memorialistas ao primeiro impacto diante da experiência do estrangeiro.¹

*

Na cronologia do memorialismo brasileiro um lugar especial está reservado para Joaquim Nabuco, porque *Minha formação* (1900), seu livro de memórias, tornou-se referência obrigatória quando se trata de sistematizar reflexões sobre este gênero no Brasil. Conquistou o livro esse direito não apenas por sua sobriedade estilística e sua discrição factual narrativa, o que fez dele um dos momentos inaugurais no memorialismo brasileiro. Conquistou-o também por causa de uma contradição essencial que rodeia seu autor: um representante legítimo das classes dirigentes brasileiras que enfrentou suas amarras de classe social para se lançar, aos 30 anos, em campanha escancarada pela libertação dos nossos escravos. *Foi esse imenso bloco que atacamos em 1879*, diz ele em capítulo dedicado ao movimento abolicionista. *No fim de dez anos não restava dele [desse bloco] senão o pó*,² vangloria-se o memorialista.

É nas memórias e nos diários desse abolicionista histórico que afloram, aqui e ali, passagens breves, mas suficientes para nos transmitir um modelo de comportamento muito delineado para sua apreciação futura. E capazes também de nos passar o grau de suas reflexões em torno do espírito da estrutura política

1 Parte deste ensaio foi apresentado, de forma sumária, nas comemorações do cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian de Paris, em março de 2015, a convite da instituição.

2 NABUCO, Joaquim. - *Minha formação*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900. p. 226.

dos países com os quais mais conviveu: Estados Unidos, Inglaterra e França.

Foi a organização política desses países o que mais atraiu sua atenção. Seja porque essa atividade nele ressoava desde o berço, como filho de político eminente, seja porque é inegável que Nabuco sempre se preparou para o pleno exercício dessa função, subitamente abortada pela queda da Monarquia brasileira, cujo torvelinho o apanhou em plena maturidade.

Independente das minúcias que apontem para o erro ou acerto das decisões e encaminhamentos políticos narrados pelo memorialista, o que importa, segundo se percebe na sua narrativa autobiográfica, é a teatralidade dos gestos, a eloquência dos discursos, a coreografia dos legisladores, mais preocupados com sua performance do que com a atuação efetiva, um dos vícios da política cenográfica, sempre em alta. A política como espaço de balé (ou de balela?) pessoal que se sobrepõe ao interesse coletivo. A política como espetáculo, enfim!

Ao confessar seu prazer diante de uma disputa retórica entre dois deputados da Assembléia Nacional francesa, ainda sediada em Versailles, Nabuco marca seu território e crava sua predileção: *Assistir a um duelo desses, da elegância com a eloquência, é um prazer que não se esquece mais. [...] Ali, em Versalhes, eu encontrava ainda os restos da grande geração parlamentar que começou na Restauração e que trouxe as suas tradições, a sua escola de oratória, para as Câmaras de Luís Felipe.*³

No entanto, seu fascínio pela retórica parlamentar não é marca apenas da individualidade de Nabuco. É marca coletiva; é traço grupal; é vício daquele romantismo residual do século XIX, no qual os ademanos de salão competiam com as palavras em estado de dicionário, garimpadas com dedos em luvas. Algumas dessas palavras se juntam e se montam de forma epigramática, exatamente por causa de sua origem emocional, a ser sustentada e cultivada perante o público. Frases taxativas e cênicas como *A escravidão é o inimigo do Brasil!*⁴ ou *É preciso destruir essa nódoa que nos envergonha aos olhos do mundo*⁵ funcionam como verdadeiros *slogans*, como balizas que pautam as posições do memorialista. É no arroubo delas, bem diferente das considerações críticas sobre sistemas políticos, que Nabuco se mostra voltado para a autoimagem.

Em seu feitio lapidar, ensinam os bons dicionários, o *slogan* funciona como grito de guerra. Sua concisão se presta à memorização rápida e carrega um quê de irreversibilidade decisória, que não deixa espaço para a contemplação ou o para o recuo. Tão somente o avanço, ele permite e incentiva. O *slogan* também sumaria. O *slogan* fecha uma situação, encerra uma experiência, ao mesmo tempo em que franqueia as portas para a próxima, que poderá vir em seguida. O *slogan* – ou o *bordão*, em bom português – é porta de gonzo: tanto fecha como abre.

Esparças ao longo das memórias de Nabuco, esse tipo de frase conceitual

3 Id. Ib., p. 56. Grifo meu.

4 NABUCO, Joaquim. *Diários 1873-1910. Edição de texto, prefácios e notas de Evaldo Cabral de Mello*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006. p. 163.

5 Id. Ib., p. 155.

encerra relato de experiências e funciona como indicativo de abertura da próxima situação a ser narrada, um balanço constante na *Minha formação*.

É bem verdade que Joaquim Nabuco prefere largos painéis a miniaturas. Sua forma de encarar o mundo pende mais para o todo do que para a parte; mais para a sinédoque do que para a metonímia. Ele mesmo reconhece isso, quando diz, num entrecruzamento inesperado de Tempo e Espaço: *Sou antes um espectador do meu século do que do meu país.*⁶ A metáfora teatral enfatiza sua condição de participante de uma encenação da qual lhe é difícil de fugir. Dentro dessa concepção, palco e tribuna se confundem e se interpenetram. E o seu leitor se torna sua plateia.

As anotações de Nabuco sobre a condição escrava não ocupam o centro de suas memórias, nem de seu diário. Em vez disso, vida política, vida partidária, vida diplomática, vida monárquica e vida republicana alargam-se em suas páginas, muitas delas construídas de forma cuidadosa para projetar um determinado tipo de imagem. Não se pode ignorar que suas memórias foram compostas a partir de artigos de jornal, cinco anos depois de publicados. É o próprio Nabuco quem diz isso: *A maior parte de Minha formação apareceu primeiro no Comércio de S. Paulo, em 1895. [...] Agora que elas [as páginas] estão diante de mim em forma de livro, e que as releio, pergunto a mim mesmo qual será a impressão delas...?*⁷

Não obstante esse traço de comportamento projetivo de seu discurso, sempre de olho na posteridade, as anotações de Nabuco sobre a condição escrava carregam consigo, em princípio, uma dose de subjetividade e de emocionalismo, ainda que bem modeladas, mas que as distancia da anotação comedida e ponderada sobre política. No entanto, avançando na leitura dos capítulos dedicados à experiência abolicionista de Nabuco, o que se percebe é um percurso de aparência tão concatenada que seria difícil negar coerência ao memorialista.

Dos 26 capítulos que compõem suas memórias, todos eles com nomeação própria, cinco deles são dedicados à campanha abolicionista, a experiência mais marcante que de Nabuco nos ficou e que garantiu a ele o direito ao nosso pan-tão histórico.

Recortados, isolados e extraídos de suas memórias mundanas, políticas e diplomáticas, esses cinco capítulos funcionam como um bloco, que se justapõe aos demais. Cada um deles se ocupa de etapas precisas do seu envolvimento com a causa abolicionista, do começo até o fim.

Da leitura minuciosa desse pequeno conjunto de capítulos extrai-se a súmula pessoal da pertinácia de Nabuco pela causa abolicionista, um processo que se estendeu por quase dez anos e que culminou com a vitória do movimento, em maio de 1888. Elaborados como verdadeiros quadros independentes entre si, neles ficam registradas as etapas do envolvimento progressivo do memorialista, desde sua mais remota infância no Engenho Massangana até sua maturidade,

6 NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. p. 33.

7 Id. *ib.*, p. VII e VIII.

na véspera da alforria negra. Lidos de modo isolado como se fosse um enclave narrativo, os capítulos deixam escapar um grau de idealização que merece comentário analítico.

Para efeito imediato, no entanto, interessam-nos apenas o primeiro e o quinto capítulo deste bloco autônomo, e que são: “Massangana” (Cap. 20) e “No Vaticano” (Cap. 24).

“Massangana” retira seu nome do engenho de açúcar onde Nabuco viveu seus primeiros anos, criado pela madrinha e longe dos pais, que moravam no Rio de Janeiro; “No Vaticano” é o capítulo em que o memorialista descreve a visita que fez ao Papa Leão XIII, em janeiro de 1888, pouco antes da vitória abolicionista.

Com o tempo, “Massangana” tornou-se presença antológica em nossa tradição escolar, talvez por causa de seu forte tom confessional. Mais que isso, talvez, porque encerra uma experiência completa de infância na qual a orfandade provisória se via compensada pela presença constante e amorosa da madrinha de criação. Afastado dos pais que já viviam no Rio de Janeiro, por força das obrigações ministeriais do Nabuco pai, o universo do pequeno Joaquim bastava-se dentro daquele universo rural decadente, um *pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão*.⁸

Encerrado e satisfeito naquele *paraíso perdido*,⁹ o menino acorda diante de duas situações absolutamente inesperadas, que lhe rompem a quietude e lhe partem o bem estar edênico.

Da primeira vez, quando um adolescente negro, de forma epifânica, se prostrou aos seus pés, implorando proteção àquela criança branca e inocente,¹⁰ sentadinha no alto da varanda da casa-grande. Relata o memorialista:

Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um jovem negro desconhecido, de cerca de dezoito anos, o qual se abraça aos meus pés suplicando-me pelo amor de Deus que o fizesse comprar por minha madrinha para me servir. Ele vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o dele, dizia-me, o castigava, e ele tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a natureza da instituição com a qual eu vivera até então familiarmente, sem suspeitar a dor que ela ocultava.¹¹

8 NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. p. 211.

9 Id. *Ib.*, p. 222.

10 Id. *Ib.*, p. 186.

11 Id. *Ib.*, p. 215.

Da segunda vez, quando a noite alta lhe trouxe a notícia da morte da madrinha, mulher *de grande corpulência, inválida, caminhando com dificuldade, constantemente assentada, - em um largo banco de coiro que transportavam de peça em peça da casa.*¹² Com a morte dela, morreu junto Massangana. Na lembrança adulta do memorialista, a *noite da morte de minha madrinha é a cortina preta que separa do resto de minha vida a cena de minha infância.*¹³

Ao negrume da noite e da cortina, junte-se, pois, o negrume do escravo adolescente que despertara, bem antes, o menino branco em quintal aberto e de limite amplo. A cor escura encerra esse período infantil e afasta seu personagem da vida bucólica e despreocupada para lançá-lo, em seguida, no torvelinho da vida urbana e sobrecarregada de regras. A partir de seus 8 anos, já no convívio com os pais no Rio de Janeiro, é a vez do menino Nabuco começar caminho próprio, sem nunca se esquecer do episódio epifânico que fez de Massangana seu *oráculo íntimo*¹⁴ para onde se voltasse sempre, quisesse ou não.

Meses antes da vitória abolicionista, que se deu em maio de 1888, Nabuco atravessou o Atlântico e visitou ao Papa Leão XIII, com o intuito claro de pedir à Sua Santidade que atuasse como *oráculo moral*¹⁵ no pleito antiescravagista. O papa, que se tornaria famoso por suas encíclicas de caráter social, recebeu Nabuco em caráter privado, sem assessoria. Meses depois dessa visita, em 5 de maio de 1888 exatamente, Leão XIII publicava sua *Carta Apostólica* ao bispado brasileiro, denominada *In plurimis*, na qual intercedia a favor de nossos escravos.

Naquele recinto solene, muito distante da largueza bucólica e campestre de Massangana, Nabuco sacralizou seu pleito, acrescentando-lhe a aura religiosa que parte maciça da tradição ocidental recomendava e aprovava. Foi no Vaticano — nome do capítulo, aliás — que Nabuco alcançou a sanção religiosa para sua causa e, mais importante que isso, encerrou um ciclo ao reatar com sua infância distante, em movimento de confessada pacificação interior.

Depõe o memorialista:

Uma nova camada de minha formação desenha-se insensivelmente desde esse meu momentâneo contacto com Leão XIII — ou por outra a camada primitiva começa a descobrir-se depois de perdido por tão longos anos o veio de ouro da infância...¹⁶

Massangana e Vaticano emendam-se, pois, em arco harmônico. Emendam-se em termos pessoais e políticos, para satisfação do memorialista, que, de

12 Id. Ib., p. 218.

13 Id. Ib., p. 221.

14 Id. Ib., p. 223.

15 Id. Ib., p. 261.

16 Id. Ib., p. 281.

modo sub-reptício, mostra também um percurso de glória. A glória de quem veio ao mundo em ambiente rural e rude, povoado de negros escravos, e que agora, prestes a ingressar em seus 40 anos, via-se rodeado da pompa papal, em capital europeia de monta e no miolo físico da cristandade.

No fundo, a visão de Nabuco sobre a escravidão continha um traço de benevolência, de ascendência, próprio de quem a enxergava à distância, sem muita intimidade, protegido pela convicção pessoal sobre a doçura e a brandura da família imperial. Em passagem de um dos capítulos sobre o assunto, exatamente aquele em que o memorialista faz considerações sobre *a parte da dinastia* no processo abolicionista, surpreende-nos sua confissão: *Tenho convicção de que a raça negra por um plebiscito sincero e verdadeiro teria desistido de sua liberdade para poupar o menor desgosto aos que se interessavam por ela, e que no fundo, quando ela pensa na madrugada de 15 de novembro, lamenta ainda um pouco o seu 13 de maio.*¹⁷

Esse tom condescendente, no qual se hierarquiza a relação e se subalterna o outro lado, mostra sua variante em outro trecho, quando Nabuco usa o modelo norte-americano de escravização para compará-lo com o modelo brasileiro. Mesmo que brevemente, sua estaca comparativa está fincada e por meio dela atenua-se o lado brasileiro nesse cotejo. Segundo o memorialista, o princípio da escravidão já caducara na maioria dos países ocidentais por volta de 1870, exceto nos EUA. Além disso, nosso sistema afrouxava-se de forma visível, graças à fraqueza e à doçura do caráter nacional, ao qual o escravo tinha comunicado sua bondade e a escravidão o seu relaxamento.¹⁸ Portanto, conclui ele, se compararmos os dois sistemas, vê-se que, a belicosidade marcava o país norte-americano e a convivência, quase confraternização, marcava o nosso. De maneira clara, é isto que garante Nabuco: *Compare-se nesse ponto o que ela [a escravidão] foi no Brasil com o que foi na América do Norte. No Brasil, a escravidão é uma fusão de raças; nos Estados Unidos, é a guerra entre elas.*¹⁹

Convencido, por outro lado, de que nossos fazendeiros preferiam a alforria à cultura de linchamento dos *criadores do Kentucky ou os plantadores da Louisiana*,²⁰ Nabuco elabora um quadro contrastivo entre os dois países, que pende para o nosso lado, fundindo a mítica doçura imperial com a discutível malemolência que enxergava nos nossos negros.

* * * * *

Talvez esteja nesse contraste a origem de um dos mitos mais resistentes e mais controversos de nossa historiografia e que contou com Gilberto Freyre

17 Id. Ib., p. 247.

18 Id. Ib., p. 226.

19 Id. Ib., p. 227.

20 Id. Ib., p. 227.

como um dos seus mais ardorosos defensores. Numa enunciação precipitada, que lhe custou muito caro e que foi atenuada mais tarde, o autor de *Casa Grande & Senzala*, esbanjando juventude, afirmava, aos 25 anos, quando organizou número comemorativo dos cem anos do *Diário de Pernambuco*, em 1925, recém-chegado dos Estados Unidos: *Quem vivia vida doce no Brasil escravocrata eram antes os escravos que os senhores.*²¹

Foi tamanha a admiração de Gilberto Freyre pelo seu conterrâneo Joaquim Nabuco, que não se pode negligenciar eventual vinculação intelectual entre ambos, participantes os dois de um mesmo caldo de cultura, inda que em séculos diferentes. A solidarizá-los ainda mais deu-se a oportunidade comum da vivência nos Estados Unidos, por onde peregrinaram à vontade, em observação permanente do *mores* local. Se a experiência comum desdobrou-se em percepção semelhante, modificada por dentro por causa da atividade diplomática de Nabuco e por causa da atividade acadêmica de Gilberto, não resta dúvida de que o país norte-americano atuou fortemente sobre suas sensibilidades. Neste sentido, o efeito dessa vivência não foi apenas o de aguçar a sensibilidade desses dois jovens pernambucanos. Foi mais que isso. Foi também o de lhes incutir um traço diferencial de anglofilia, numa formação intelectual historicamente francófila, como era habitual, no Brasil de então, entre os jovens educados.

Pela leitura dos seus documentos mais pessoais, vê-se que Nabuco esgalhou-se entre a vida diplomática, amorosa, política e mundana, não necessariamente nessa ordem. Pela leitura de documentos parecidos, vê-se que Gilberto só não desenvolveu, de forma ativa e profissional, a vida diplomática. De resto, a vida nômade dos dois, repleta de interesses múltiplos, era semelhante. E nisso o impacto do estrangeiro sobre suas vidas ajudou-os a melhor enxergar o Brasil. E de modo ostensivo ou implícito, os Estados Unidos de religião reformada sempre lhes serviram como pano de fundo para suas reflexões e ponderações. Uma porção do Novo Continente que se opunha à porção brasileira, não só em termos geográficos. Uma porção, a do Norte, na qual nunca deixaram de ver um lastro de severidade e de dureza, ora de origem saxônica, ora de origem protestante, que se opunha à nossa herança católica e latina, eventualmente mais amolentada ainda pela suposta pachorra negra. Às vezes, quando cabia, entrava nesse cotejo de cultura entre Brasil e Estados Unidos nossa inevitável herança europeia, em triangulação explicativa. Herança que entrava pelo veio latino, de preferência; ou, quando muito, por uma remota ancestralidade arábica, de procedência ibérica. Porque, no raciocínio de Gilberto, tanto o peso latino, quanto o arábico, nenhum deles carregava e arrastava a austeridade da Reforma.

*

21 FREYRE, Gilberto (Org.). *Livro do Nordeste*. Edição fac-similar. "Vida social no Nordeste - Aspectos de um século de transição". Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. p. 87.

Está nas crônicas de juventude de Gilberto Freyre um prato cheio e esparramado para se bisbilhotar suas primeiras impressões dos Estados Unidos, para onde se transferiu aos 18 anos de idade, em busca de formação superior. Na ansiedade de tudo abraçar, o cronista movimentava-se em várias direções, delas dando-nos conta nos dois volumes de *Tempo de aprendiz*.²² Disso resulta fartura de opções, entre as quais se pressentem escolhas futuras, o que é fácil de se perceber. Lidas hoje em dia, com a distância folgada de quase um século e a alentada bibliografia que a obra de Gilberto Freyre gerou, estes textos curtos, de aparência impressionista e voluntariosa, tornam-se material precioso na mão de quem quer conhecer, de perto e com imparcialidade, a formação intelectual do autor. Que se torna mais palpável ainda, se os confrontarmos com outros textos gilbertianos de caráter memorialístico, tais como *Tempo morto e outros tempos* ou *De menino a homem*.²³

Se de qualidade, a crônica de pendor mais documental que ficcional registra, portanto, o momento passível de desdobramento e cumpre, assim, dupla função: a retrospectiva e a prospectiva. A primeira retém o tempo; a segunda projeta-o. Passado e futuro, portanto, com seu narrador postado bem no meio do caminho.²⁴

Se tivermos esta duplicidade em mente, dizem muito estas crônicas de Gilberto Freyre, escritas em fase de virada pessoal, quando o jovem trocava o conforto placentário do seu *locus amenus* pelas incertezas de um espaço novo, sobrecarregado de surpresas e de desafios. Mudavam-lhe o cenário e a plateia. O jovem promissor, filho de família conhecida e de prestígio no Recife, abandonava o Capibaribe para se instalar em Waco, no Texas, à beira do rio Brazos. Saía da ponta da fila, onde se cercava de referências repisadas, para se instalar na ra-beira, zerando o capital social e intelectual que, bem ou mal, já acumulara. Sem contar, é claro, o familiar que carregava consigo. Ser descendente de Wanderley nada significava às margens daquele rio texano, território de cowboys, pradaria

22 FREYRE, Gilberto - *Tempo de aprendiz. Artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)*. São Paulo: IBRASA, 1979. 2 vols. Entraram nestes dois volumes apenas 268 crônicas do autor, publicadas do *Diário de Pernambuco*, entre 1918 e 1926. 117 delas compõem o 1º volume; 151, o 2º. Sabe-se, no entanto, que essa produção foi muito maior, graças a um recente e precioso catálogo bibliográfico elaborado por Lúcia Gaspar e Virgínia Barbosa, que atribuem cerca de 350 outras ao cronista, para o mesmo período e o mesmo jornal. No total, as duas pesquisadoras consignam 3.420 crônicas ao autor de *Casa Grande & Senzala*, publicadas entre 1918 e 1985, em jornais do Recife, do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Buenos Aires. Todas à espera de um bom analista. Ver: GASPAR, Lúcia & BARBOSA, Virgínia - *Gilberto Freyre jornalista: uma bibliografia*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco-Massangana, 2010.

23 FREYRE, Gilberto - *Tempo morto e outros tempos. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. E *De menino a homem de mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Diário íntimo seguido de recordações pessoais em tom confidencial semelhante ao de diários*. Apresentação de Fátima Quintas. Biobibliografia de Edson Nery da Fonseca. Notas e Índice onomástico de Gustavo H. Tuna. São Paulo: Global, 2010.

24 A partir deste momento, retomo e condenso esta leitura das crônicas de Gilberto Freyre já exposta em "Circuito nada redondo", capítulo de livro publicado em homenagem a Sandra Jatahy Pesavento, intitulado *História cultural da cidade*. Org. por Jacques Leenhardt, Daniela Marzola Fialho, Nádia Maria Weber Santos, Charles Monteiro e Antonio Dimas. Porto Alegre: Marcavisual/PROPUR, 2015. pp. 174-197.

de algodão, espaço de segregação racial irada e trilha histórica de gado a caminho dos abatedouros de Chicago, a famosa Crisholm Trail. Naquela modesta Waco de então, cuja população não ia muito além de seus 45 mil habitantes,²⁵ era temerário qualquer projeto de formação intelectual que aspirasse ao cosmopolitismo e à laicidade. Não era esta a regra do jogo que regulava a Baylor University, o campus batista no Texas onde o único arrimo que Gilberto iria encontrar seria Ulysses Freyre, seu irmão um pouco mais velho e matriculado em curso de Exatas.

Deixando atrás de si o Recife, uma capital regional já com cerca de 230 mil habitantes e ciosa de sua história pregressa, que cidade encontraria o jovem estudante, muito indeciso ainda sobre sua carreira? Uma incógnita sobre outra, o que pouco aliviaria o cotidiano novo, já espremido por um orçamento pessoal modesto.

Quando se mudou para Waco, em 1918, a cidade transformava-se. Marcas remotas da Guerra da Secessão norte-americana (1861-1865) batiam de frente com o ímpeto de modernização material da uma cidade que, de um lado, oferecera cerca de dezesseis generais para o exército separatista de Confederados e, de outro, criara um nó ferroviário capaz de integrar a região com os centros urbanos mais avançados ao norte e a leste dos Estados Unidos. Nessa mudança, levadas e levadas de migrantes negros vieram da zona rural, em busca de oportunidades na área urbana, estimulados pela expansão da rede ferroviária e pelo comércio algodoeiro, um dos maiores do mundo. Se, no princípio, essa massa migrante era bem vinda porque significava mão de obra barata, com o tempo, alterou-se a situação e sentiram-se ameaçados os brancos com a possibilidade de perder sua hegemonia diante de uma classe média negra emergente. Nos anos '20, portanto, uma outra composição étnica se desenhava naquela circunscrição urbana e com ela crescia, junto, a tensão racial, caldo de cultura favorável à emergência e atuação da Ku Klux Klan. De acordo com a "Texas Historical State Association", ocorreram linchamentos em Waco nos anos de 1905, 1915 e 1916.²⁶ Numa ocasião, pelo menos, incendiaram uma vítima negra na praça principal da cidade. Nos anos '20, brancos furiosos queimaram ou enforcaram negros, em público. Em 1923, mais de dois mil membros da KKK desfilaram, em protesto, pela cidade, boicotando o comércio dos que não se simpatizavam com a causa racista. Comerciantes e políticos apoiavam a organização de forma implícita e um de seus membros se gabava de que a Ku Klux Klan controlava todo o serviço público da cidade de Waco.²⁷

Dentro do campus, todavia, desfogava-se a experiência de Gilberto, que, na figura do professor J. A. Armstrong, encontrou uma escapatória intelectual que quase o converteu em estudioso da língua e da literatura inglesa, em detri-

25 <https://tshaonline.org/handbook/online/articles/hdw01>

26 <https://tshaonline.org/handbook/online/articles/hdw01>

27 <https://tshaonline.org/handbook/online/articles/hdw01>

mento do historiador, do sociólogo e do antropólogo de mais tarde. Foi através desse professor de literatura inglesa, especialista na poesia dos Browings, que Gilberto se agarrou à universidade de província. Foi graças a Armstrong, que o recém-chegado tomou conhecimento, pessoal e acadêmico, do Imagismo inglês, a novidade poética mais avançada daquele momento e na qual pontificaram figuras como Ezra Pound e Amy Lowell. Mais que um simples professor, J. A. Armstrong acolheu Gilberto de modo paternal, permitindo-se sugerir-lhe cautela no começo da carreira. Pouco tempo depois de separados e já sabendo do mestrado que Gilberto defendera em Columbia, J. A. Armstrong, por carta, aconselhava-o: *Se sua tese contiver coisas que aborreçam os brasileiros, espero mesmo que você não a publique. Não quero ser chato, mas você é jovem demais para dizer as coisas terríveis que você já disse sobre a bandeira. Aquilo pode ser tudo verdade, mas não é você que deve dizê-lo Espere uns cinco ou dez anos. Você está em vias de ser acatado pelos brasileiros agora, e, por causa disso, você não devia prejudicar essa oportunidade, dizendo coisas que as pessoas não vão assimilar de forma rápida. Espero, sinceramente, que você leve isto em consideração.*²⁸

Suas relações com Armstrong ultrapassaram os limites da sala de aula e fizeram-se pessoais, sobretudo a partir da apreciação da poesia mais vanguardista que se praticava na língua inglesa daquele período. *Foi através de Armstrong que me adaptei à poesia não convencional*, admitiria Gilberto Freyre, anos depois.²⁹

Foi Armstrong que quase arrastou Gilberto, de forma definitiva, para o estudo da cultura de língua inglesa. A despeito da constrição externa, prolongamento saxônico do conservadorismo nordestino de onde vinha, sua vivência inicial seria impulsionada pela atração da literatura, pautada por Armstrong, seu mentor. Foi através dele, registram isso suas memórias, que Gilberto pôde imergir fundo na poesia inglesa de Robert e de Elizabeth Browning; no ensaísmo de qualidade, assinado por autores como Francis Bacon, Milton, De Quincey, Steele, Addison, Samuel Johnson, Defoe, Thomas Huxley, Walter Pater, Carlyle, Ruskin, Macaulay etc.; e naquilo que se fazia de mais atual na poesia imagista de Amy Lowell, na poesia estrepitosa de Vachel Lindsay e na poesia vingativa de Edgar Lee Masters. Foi esse professor experiente e dedicado que atraiu o jovem recém-chegado. Mas foi também o contexto religioso do seu entorno, vincado pelo conservadorismo batista do *Bible Belt*, que o assustou.

Ainda preso à sua formação também batista, que quase o levou à escolha

28 Carta de J. A. Armstrong para Gilberto Freyre, 11 mai. 1922. Acervo da *The Armstrong Browning Library* da *Baylor University*. Cópia digitalizada da carta em meus arquivos. No original, lê-se: *I do hope if your thesis has in it things that will annoy the Brazilians that you will not publish it. I do not mean to be a prig, but you are far too young to say such atrocious things as you said about the flag. It may all be very true, but you are not the one to say it. Wait about five or ten years. You are in line for promotion by the Brazilians now and you should not hurt your own chance by saying things that the people will not readily receive.*

29 Depoimento de Gilberto Freyre para o Institute of Oral History da *Baylor University*, 1967. *Oral Memoirs of Gilberto de M. Freyre*, 16 May 1985. <http://digitalcollections.baylor.edu/cdm/compoundobject/collection/buioh/id/1468/rec/12> Lê-se, no original: *I became adapted to non-conventional poetry through Armstrong*. p. 19.

missionária, Gilberto espantou-se com o fosso entre a fé e a prática nos vastos arredores de Waco. Entre uma e outra, danava-se o negro em meio ao zelo racista. *O tratamento dado ao negro foi muito chocante para mim – revelou Gilberto Freyre anos depois, na entrevista acima – e, no final dos meus primeiros anos em Baylor, eu me tornei muito crítico da civilização americana. O tratamento dos negros numa civilização evangélica como a americana, predominantemente protestante ou evangélica, muito me desapontou, e no final da minha temporada em Baylor eu já tinha me tornado bastante crítico da forma americana de civilização. Eu achava isso um enorme fracasso e que a civilização católica do Brasil, com todos os seus defeitos, tinha esta superioridade sobre a civilização protestante, anglo-saxônica dos Estados Unidos ou da Inglaterra. Então, me tornei muito independente em matéria de religião.*³⁰

Habitado à convivência menos áspera em sua cidade natal, onde foi criado no convívio doméstico com remanescentes da escravidão brasileira, Waco funcionaria, para Gilberto, como um laboratório vivo e consolidado de racismo regrado e oficial, onde inexistia a pacholice católica. De seu contato direto com o bairro negro da cidade a memória se lembra, se arrepia e acusa, de pronto, a incoerência mais ampla: *Que o “bairro negro” de Waco fosse qualquer coisa de terrível, eu imaginava. Mas é ainda mais horroroso do que eu previa. Imundo. Nojento. Uma vergonha para esta civilização filistina que, entretanto, envia missionários aos “pagãos” da América do Sul e da China, da Índia e do Japão. Tais missionários, antes de atravessar os mares, deveriam cuidar destes horrores domésticos. São violentamente anticristãos.*³¹

Burgo *dixie*, acanhado e preconceituoso como Waco, não encorajava. Se desafio intelectual houvesse para Gilberto, isso se daria no enquadramento estreito da sala de aula ou do campus, por mais paradoxal que isso pareça. Em dois anos completou-se esta etapa literária do cronista, agora disposto e pronto para enfrentar a cidade grande, onde se daria sua conversão definitiva às Ciências Sociais. *Do que agora preciso é de Antropologia social e cultural,*³² confessaria ele assim que se instalou em New York, em 1920. Dois anos, portanto, no interiorzão do Texas; outros dois numa cidade que já fervilhava e da qual herdamos do cronista duas imagens diferentes, porque construídas por ele em tempos diferentes.

Da vivência norte-americana, Gilberto deixou-nos duas imagens.

A primeira – a das crônicas juvenis de 1920, escritas em cima da experiência imediata e boquiaberta – respira ímpeto, juventude, sedução e sensuali-

30 Depoimento de Gilberto Freyre para o Institute of Oral History. <http://digitalcollections.baylor.edu/cdm/compoundobject/collection/buioh/id/1468/rec/12> Lê-se, no original: *The treatment of Negroes by an evangelical civilization like the American one, predominantly Protestant or evangelical, was a disappointment to me. The treatment given to Negroes was very shocking to me and at the end of my first years in Baylor I had become very critical of the American way being a civilization. I thought that this was a great failure and that the Catholic civilization of Brazil, with all its defects, had this superiority over the Protestant, Anglo-Saxon civilization of the United States or of England. So I became very independent in matters of religion.* p. 19.

31 FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975. p. 32.

32 Id. *Ib.*, p. 42.

DIMAS, A.
*Joaquim
Nabuco &
Gilberto Freyre:
Memorialistas
que se encaixam e
se continuam...*

dade. A segunda, a dos anos '70, empertiga-se e enquadra-se na serenidade posada da moldura oval do Senhor de Apipucos. A primeira é a do jovem em busca de emoções fortes, que desborda da moldura e pulula, saltitando de crônica em crônica; a segunda é a do senhor saciado, sisudo na foto, que doma o passado, modela-o para o futuro e repousa em *Tempo morto e outros tempos*, seu livro de memórias, escrito bem depois da excitação dos fatos, de olho na posteridade.

No memorialismo de Nabuco e de Gilberto, dois pernambucanos de séculos consecutivos, um filete de continuidade histórica se entrosa, se prolonga e responde por uma dedicação específica, mesmo que sobrecarregada de percalços: a dedicação legítima e sensível à condição social e cultural do negro brasileiro.

USP/IEB mai. 2016.

NABUCO, J. *Diários 1873-1910. Edição de texto, prefácios e notas de Evaldo Cabral de Mello*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006. p. 163.

_____. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

FREYRE, G. (Org.) *Livro do Nordeste*. Edição fac-similar. “Vida social no Nordeste - Aspectos de um século de transição”. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979. p. 87.

_____. *De menino a homem de mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos. Diário íntimo seguido de recordações pessoais em tom confidencial semelhante ao de diários*. Apresentação de Fátima Quintas. Biobibliografia de Edson Nery da Fonseca. Notas e Índice onomástico de Gustavo H. Tuna. São Paulo: Global, 2010.

_____. *Tempo morto e outros tempos. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

GASPAR, L.; BARBOSA, V. *Gilberto Freyre jornalista: uma bibliografia*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco-Massangana, 2010.

LEENHARDT, J.; FIALHO, D. M.; SANTOS, N. M. W.; MONTEIRO, C.; DIMAS, A. *História cultural da cidade*. Porto Alegre: Marcavizual/PROPUR, 2015.

Submetido em 16/9/2016

Aceito em 17/9/2016